

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)  
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Gabriel Dasilio Pereira**

**O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA DE CANUDOS E OS APRENDIZADOS COLHIDOS  
PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO**

**Resende  
2020**

**Gabriel Dasilio Pereira**

**O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA DE CANUDOS E OS APRENDIZADOS COLHIDOS  
PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Coronel R/1 PTTC Claudio Magni Rodrigues

Resende  
2020

**Gabriel Dasilio Pereira**

**O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA DE CANUDOS E OS APRENDIZADOS COLHIDOS  
PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020:

Banca examinadora:

---

**Claudio Magni Rodrigues – Coronel R/1 PTTC**  
(Presidente Orientador)

---

**Avaliador**

---

**Avaliador**

Resende  
2020

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, que me proporcionou a oportunidade de estar cursando a formação do Oficial de carreira do Exército Brasileiro, trilhando o caminho para a conclusão deste sonho. Gratidão também a todos que estiveram ao meu lado me apoiando desde os piores aos melhores momentos durante esses cinco anos, em especial, à minha família, que sempre esteve ao meu lado perante todas adversidades.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de ingressar na EsPCEEx em 2016 e, desde então, vem conduzindo a minha formação de formas que torna realidade a conclusão do sonho de garoto de tornar-me Oficial do Exército Brasileiro.

Agradeço também à minha família por me incentivar desde antes do momento da prestação do concurso, quando algumas pessoas se juntaram para ajudar no pagamento da mensalidade do curso pré-militar, sempre evidenciando o apoio que me davam desde aquela época. O suporte somente aumentou durante a minha formação, gratidão aos meus pais e aos meus irmãos que estavam sempre presentes ao meu lado quando eu mais precisei.

Ao meu orientador, por todo o seu tempo despendido no auxílio deste trabalho. Por ter me conduzido da melhor forma na realização deste, que é parte essencial para a conclusão da minha formação de oficial. Sendo, para mim, um orgulho estar concluindo a formação que meu próprio orientador concluiu há alguns anos.

## RESUMO

### O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA DE CANUDOS E OS APRENDIZADOS COLHIDOS PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO

AUTOR: Gabriel Dasilio Pereira

ORIENTADOR: Coronel R/1 PTTC Claudio Magni Rodrigues

A Guerra de Canudos é um dos conflitos em que mais se ouve falar, de forma deturpada, do trabalho do Exército Brasileiro. Sendo bem comum ouvir falar desta guerra como, praticamente, um genocídio por parte do Exército, atribuindo diversos adjetivos negativos àqueles que estavam, verdadeiramente, preocupados e empenhados em um bom futuro para o Brasil. Infelizmente, é comum ver esses ensinamentos serem transmitidos em escolas, por conta de trabalhos que foram disseminados há tempos e que, tradicionalmente, cultuam e endeusam os jagunços desordeiros e antirrepublicanos, ao momento em que denigre o papel do Exército Brasileiro, que fez o que era necessário para salvar o futuro do país. É objetivo desta monografia provar que, apesar dos erros que existiram, o trabalho do nosso Exército foi louvável e importantíssimo para a manutenção da República recém instaurada no Brasil.

**Palavras-chave:** Guerra de Canudos. Manutenção. República

## **ABSTRACT**

### **THE COURSE OF THE CANUDOS WAR AND THE LESSONS LEARNED FOR THE BRAZILIAN ARMY**

**AUTHOR:** Gabriel Dasilio Pereira

**ADVISOR:** Coronel R/1 PTTC Claudio Magni Rodrigues

The Canudos War is one of the conflicts in which the Brazilian Army's work is most often misrepresented. It is quite common to hear of this war as practically a genocide on the part of the Army, attributing several negative adjectives to those who were truly concerned and committed to a good future for Brazil. Unfortunately, it is common to see these teachings being transmitted in schools, due to works that have been disseminated for some time and that traditionally worship and deify disorderly and anti-republican countrymen, while denigrating the role of the Brazilian Army, which made what was needed to save the country's future. The objective of this monograph is to prove that, despite the errors that existed, the work of our Army was commendable and extremely important for the maintenance of the newly established Republic in Brazil.

**Keywords:** Canudos War, Maintenance, Republic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antônio Conselheiro e seus seguidores.....	13
Figura 2 - Representação geográfica de Canudos e arredores.....	14
Figura 3 - Imagem do General Artur Oscar.....	29
Figura 4 - Sertanejos de Canudos sendo rendidos pela Cavalaria do Exército.....	32



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
2.1 CAUSAS E ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	12
2.2 ANTONIO CONSELHEIRO.....	13
2.3 A VERDADE OCULTA SOBRE A GUERRA.....	16
2.4 OS FUNDAMENTOS DA GUERRA.....	17
2.5 AS EXPEDIÇÕES MILITARES.....	18
2.5.1 As primeiras providências contra Canudos, e a 1ª Expedição.....	17
2.5.2 A 2ª Expedição, do Major Febrônio de Brito.....	21
2.5.3 A 3ª Expedição, do Coronel Moreira César.....	25
2.5.4 A 4ª Expedição, do General Artur Oscar.....	28
<b>3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>33</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	33
3.2 MÉTODOS.....	33
<b>4 RESULTADO E CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Oficial do Exército Brasileiro tem a necessidade de estar em constante evolução, devido às inovações que ocorrem na arte da guerra, seja por novidades estratégicas, tecnológicas ou doutrinárias. Devido a esses fatores, que muito contribuem para o avanço do conhecimento acerca das batalhas campais, é de extrema importância que se conheça a história. Portanto, aprender com os erros cometidos em conflitos passados é imprescindível para que se obtenha uma evolução doutrinária a fim de evitar futuros equívocos. As expedições que combateram em Canudos nos servem de um grande acervo para colher ensinamentos e aprendizados para o Exército Brasileiro.

A guerra de Canudos, ocorreu no final do século XIX, no interior do nordeste brasileiro, devido a diversos fatores, que unidos, geraram alguns conflitos internos. Uma seca terrível, a decadência na economia e uma recém proclamada República foram alguns dos fatores que levaram aquela região a uma instabilidade social.

Naquele momento, em um contexto em que a República havia sido instaurada há pouco tempo, a obtenção do dinheiro por parte do Estado se fazia pela cobrança de impostos. A escravidão havia acabado pouco tempo antes no país, fazendo com que grandes grupos de negros, ex-escravos, não tivessem oportunidades de trabalho, moradia ou terras, pois não houve uma inclusão efetiva do negro na sociedade.

Juntamente com os negros que estavam às margens da sociedade, agruparam-se também os caboclos sertanejos que viviam na miséria. Esses grupos estavam em torno de Antônio Conselheiro, um peregrino que era contra as autoridades e antirrepublicano, e que inspirava, naquele povo, a esperança de libertação da extrema pobreza.

O movimento, com o passar do tempo, tomou direções não muito interessantes, uma vez que o fanatismo exacerbado por Antônio Conselheiro e as suas pretensões contra o Estado colocou em risco todo o futuro da República.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 **Objetivo geral**

Compreender os antecedentes, as causas e as consequências da Guerra de Canudos, identificando a real ameaça que Canudos representava para o futuro do país.

### 1.1.2 **Objetivos específicos**

Analisar as expedições que foram enviadas para dismantelar Canudos;

Elencar os principais fatores que contribuíram para as derrotas sofridas pelo Exército;

Identificar o perigo que Antônio Conselheiro representava para a República;

Analisar e destacar a importante participação do Marechal Bittencourt;

Elencar os aspectos que possibilitaram uma posterior vitória do Exército.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CAUSAS E ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Pode-se destacar como causas e antecedentes históricos que contribuíram para a eclosão da revolta de Canudos fatores internos tais como a fome, a seca, a violência, e o desemprego.

-Fome: o desemprego e os baixos proventos das famílias deixavam muitas pessoas sem ter o que comer (RAMOS, 2005).

-Seca: a região do agreste ficava muitos meses e até mesmo anos sem receber quaisquer chuvas. Este aspecto dificultava muito a agricultura e dificultava a sobrevivência do gado (RAMOS, 2005).

-Falta de apoio político: os governantes e políticos da região não costumavam se importar com as necessidades das populações mais necessitadas (RAMOS, 2005).

-Violência: latifundiários empregavam grupos armados para proteger suas propriedades. Essa era a forma de manutenção do poder dos fazendeiros e forma de repressão a qualquer movimento político ou social, desfavorável aos seus patrões (RAMOS, 2005).

-Desemprego: grande parte da população pobre estava desempregada por conta da seca e da falta de oportunidades que havia em outras áreas da economia (RAMOS, 2005).

-Fanatismo religioso: era comum a existência de beatos que arrebanhavam seguidores prometendo uma vida melhor. Os seguidores, muitas vezes, atuavam como massa de manobra aos interesses dos beatos (RAMOS, 2005).

O governo da Bahia, com apoio dos latifundiários, não concordava com o fato de os habitantes de Canudos não pagarem impostos e viverem sem seguir as leis estabelecidas impostas para o bom funcionamento do Estado. Afirmavam também que Antônio Conselheiro defendia a volta da Monarquia, que havia sido substituída pela República em 1889 (RAMOS, 2005).

Antônio Conselheiro, por sua vez, defendia o fim da cobrança dos impostos e era contrário ao casamento civil. Ele afirmava ter sido enviado por Deus para liderar o movimento que acabaria com as diferenças e injustiças sociais. Era também um crítico ferrenho do sistema republicano, na forma como funcionava no período (RAMOS, 2005).

## 2.2 ANTÔNIO CONSELHEIRO

Antônio Vicente Mendes Maciel – o Conselheiro – era um homem de pouco estudo, que por decisão de levar uma vida pacata e religiosa, inspirava esperança em dias melhores naqueles que o seguiam. Suas aspirações eram de grande valia para a população, pois buscava melhorias para aqueles que viviam às margens da sociedade. As suas pretensões seguiam um bom rumo, porém, a agressiva afronta ao Estado, o crescimento exponencial de seus seguidores e o endeusamento de Maciel, tornaram seu movimento extremamente nocivo.

Figura 1 - Antônio Conselheiro e seus seguidores



Fonte: Miranda (2018)

Antônio, cearense, de família remediada e de regular instrução primária, desiludido por não ter conseguido êxito em sua terra e traído por sua esposa, adota vida nômade e se impregna da crença católica, como verdadeiro fanático (ARARIPE, 1985, p.4).

Em 1873, aparece no Itapicuru de Cima, Bahia, de longas barbas e de hábito azul de brim, dizendo-se enviado de Deus e pregando a religião cristã (ARARIPE, 1985, p.4).

Em 1874, Antônio aparece em Itabaiana. Surrão às costas, vivia de esmola dos outros, sem pedir. Seu prestígio e fama continuam a crescer (ARARIPE, 1985, p.4).

Em 1876, começa a despertar a atenção das autoridades por sua influência sobre a população inculta dos lugarejos por onde passava (ARARIPE, 1985, p.4).

As autoridades pressentiam o perigo de sua atuação. Como constava ter cometido um crime no Ceará, prendem-no e submetem-no à justiça de lá, com o intuito de impedirem a sua

volta ao sertão baiano. No Ceará não encontraram fundamento suficiente para o processo e soltaram-no (ARARIPE, 1985, p.4).

O presidente daquela província fez um pedido ao Ministro do Império de que se colocassem o louco no hospício de alienados. O ministro respondeu que não havia lugar vago naquele estabelecimento (CUNHA, 1933).

De 1877 a 1887, vagueia pelo sertão. Constrói cemitérios e igrejas. É recebido pelos lugarejos por onde passava, em procissão, ladainhas e prédicas. Dessa forma, atribuem-lhe milagres e é respeitado por isso (ARARIPE, 1985, p.5).

Nessa época, vagou por Ceará e Pernambuco, onde foi preso e sofreu vexame. Após isso, voltou à Bahia e fixou-se em Canudos, no cruzamento de várias estradas e onde havia uma igreja velha e duas casas de negócios. Rebatizou aquele local com o nome de Belo Monte e continuou a sua influência religiosa e fanática (ARARIPE, 1985, p.5).

Figura 2 - Representação geográfica de Canudos e arredores



Fonte : Só História (2009)

Recebeu contribuições de diversos comerciantes e fazendeiros da região e cobrava quotas pela venda de produtos negociáveis. Formava o seu arsenal com armas e munições que eram arrecadadas das expedições policiais e adquiridas nos lugarejos vizinhos. Em torno da

figura de Maciel, aumentou a fama do sertão e, dia após dia, chegavam diversas caravanas de gente crédula e simples ao arraial de Canudos (ARARIPE, 1985, p.5).

Aspirava essa gente ser discípula e defensora da nova seita e passava a ser educada pela reza e pela obediência de seu misticismo fanático. Desordeiros, cangaceiros, fugitivos de várias regiões iam também formar o grosso da composição das forças do Conselheiro (ARARIPE, 1985, p.5).

Não se sabe das intenções de Antônio Maciel em reunir ou consentir que se grupasse em torno de si essa multidão informe. Desejo de mando havia em todos os seus atos, apesar de astuciosa aparência de humildade (ARARIPE, 1985, p.5).

Suas manifestações finais e o gesto de resistência obstinada, colocam-no no rol dos paranoicos e loucos, em que alguns cientistas viram todos os sintomas e aspectos de um doente mental (ARARIPE, 1985, p.6).

Em 1886, o delegado de Itapicuru, já cansado das provocações importunas do fanático, enviou um ofício onde se refere à divergência entre o grupo de Antônio Conselheiro e o vigário de Inhambupe ao chefe de polícia da Bahia, que não deu importância ao caso, mesmo o relato sendo alarmante e verídico:

Conforme o delegado de Itapicuru (1886 apud MELLO, 1958) Para que V.S saiba quem é Antônio Conselheiro, basta dizer que é acompanhado por centenas e centenas de pessoas, que ouvem-no e cumprem suas ordens, ao tempo que não dão ouvidos ao vigário de Inhambupe.

Conforme o delegado de Itapicuru (1886 apud MELLO, 1958) O fanatismo não tem limites e assim é que, sem ter medo de errar, estando baseado em fatos, posso afirmar que adoram-no, como se fosse o próprio Deus vivo.

Conforme o delegado de Itapicuru (1886 apud MELLO, 1958) Com a desinteligência entre o grupo de Antônio Conselheiro e o vigário de Inhambupe, o grupo de Conselheiro fica municado como se tivesse de entrar numa batalha campal, e dizem que estão à espera que o vigário vá ao lugar denominado Junco para assassiná-lo. Fazendo medo aos transeuntes passar por alto, vendo aqueles malvados munidos de cassetetes, facas, facões, carabinas; e coitado daquele que for suspeito de ser inimigo de Antônio Conselheiro.

Analisando como um todo, a atuação de Antônio foi de resistência às exigências da lei e das autoridades. Declarava-se como adversário do Estado, da República e da Igreja. (ARARIPE, 1985, p.6).

Dessa forma, Antônio Conselheiro era visto, pelo Estado, como uma ameaça, pois realmente incitava a desordem, fator que desagradava a organização pública.



### 2.3 A VERDADE OCULTA SOBRE A GUERRA

Quando se fala na verdade sobre a guerra, trata-se de esclarecer alguns pontos-chaves, aproveitar os ensinamentos que puderam ser colhidos e reparar a imensa injustiça, que resultou da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*.

Ele (Euclides da Cunha) tinha o seu gênio a serviço de um coração sensível aos ímpetos generosos. Comoveu-se ante a debacle final da cidade proscrita. Infelizmente exigem-nos, a consciência e a razão, este reparo dos fatos. Não pretendemos corrigi-lo. É ainda menos censurá-lo. No seu lugar, qualquer estaria sujeito a incorrer no que ele incorreu, sem a vantagem do desempenho díspar que lhe facultou o gênio. Ele, no nosso, ausentes os sentimentos que o moveram e apenas dominado pela razão que a distância do tempo permite, realizaria esta obscura análise cem mil vezes melhor. (MELLO, 1958, p.35)

Mais do que o próprio livro de Euclides da Cunha, o grande desastre também se destina aos seus comentadores desastrados e à chusma plumitiva que os primeiros animam. Porque à sombra do seu grande gênio, uma série de alienados apedrejam a Instituição Nacional que foi a maior sacrificada na luta inglória, enquanto os verdadeiros culposos ficaram impunes. (MELLO, 1958, p.39).

O protesto escandaloso e desonesto de Euclides da Cunha passou a alimentar o plumitivismo de pacotilha. Foi, então, traduzido para várias nações cultas que terão, sobre a história, uma ideia deturpada e desfavorável aos brasileiros e, sobretudo, ao Exército Brasileiro. (MELLO, 1958).

Levado por seus predicados de artista e de poeta, esse escritor (Euclides da Cunha), apoiado no traquejo científico, na cultura sociológica e na especialização geográfica, descambou para o exagerado engrandecimento e injusta glorificação do Homem e da Terra, em contraste com a malquerença ao meio civilizado e às instituições, principalmente ao Exército donde ele próprio proveio (ARARIPE, 1985, p.3).

Obra em que o ilustre escritor denigre profundamente os grandes heróis de Canudos, os Chefes e soldados do Exército e das Polícias Militares, que imbuídos do cumprimento do dever, sacrificaram suas vidas pelo futuro da nação. De forma contrária, o escritor enaltece e glorifica de forma injusta os jagunços, incultos e cegamente fanáticos seguidores de Antônio Maciel – O Conselheiro, que era, sem dúvidas, um comprovado paranoico que conduziu seus fiéis a também se imolar em repúdio à sociedade e às instituições vigentes do País (ARARIPE, 1985).

“O infrator, se não vence, é apresentado aos pósteros como um incompreendido, um precursor, sendo-lhe atribuídas virtudes, que, na verdade, ele não possuiu.” (ARARIPE, 1985).

## 2.4 FUNDAMENTOS DA GUERRA

O Exército sentiu extrema dificuldade em combater a revolta de Canudos, certamente menosprezou o inimigo, o terreno, e não seguiu simples princípios que deveriam ter sido a sua doutrina para que conseguisse uma vitória expressiva sem tamanho esforço e com o mínimo de vidas perdidas possível.

As derrotas e os reveses sofridos na revolta de Canudos pelas expedições militares evidenciam uma total falta de planejamento, erros de decisão, de mensuração do efetivo inimigo e falta de coordenação a partir de um único comando, fruto da pluralidade de interesses das autoridades.

“A luta cruenta, que tantos mortos e estropiados custou ao Brasil, poderia ter sido evitada se, desde o início, tivesse sido sufocado o movimento, não fora a política nefasta que reinava no primeiro decênio da República.” (ARARIPE, 1985).

Nas operações militares, assim como nas expedições feitas em Canudos, a rapidez deve ser procurada sem prejuízo da segurança da operação. Dessa forma, o comandante é quem deve escolher seus auxiliares imediatos e comandos subordinados, a fim de que não haja divergências e competições (ARARIPE, 1985).

## 2.5 AS EXPEDIÇÕES MILITARES

As expedições militares que combateram o aglomerado de fanáticos da fazenda Belo Monte devem receber o merecido reconhecimento, pois sacrificaram suas vidas em prol do futuro da nação, que estava sendo ameaçado por conta das pretensões dos rebeldes jagunços.

As cinco expedições militares, uma de força policial e quatro de tropas de linhas, no sertão setentrional da Bahia, contra Canudos, policial, em 1896-97, foram meras razias punitivas, de caráter estritamente policial. Nem a quarta e última foge a esse característico, muito embora adquira maior relevo por seus efetivos, organização e a duração dos acontecimentos (ARARIPE, 1985, p.3).

### 2.5.1 As primeiras providências contra Canudos e a 1ª Expedição

Belo monte se tornou um império, de onde se exalava o perigo. O lugar e a população cresciam exponencialmente. Sua posição estratégica dificultava, e muito, as incursões das tropas.

Além de estar protegido pela posição estratégica de Canudos, que era cercado de morros e caatingas incultas e difíceis de serem transpostas, tem elementos fortes, gente treinada, assim como, perigosas trincheiras (ARARIPE, 1985, p.7).

Já o Conselheiro, afora a canalha fanatizada, tem um batalhão de duzentos e tantos homens os quais fazem exercícios de fogo todos os dias e vigiam os arredores. Não sabemos qual será a intenção desse homem tão ignorante e criminoso, armando batalhões e aliciando gente para a luta (ARARIPE, 1985, p.6).

Em 1892, o governo mandou três expedições policiais contra Conselheiro. Estas atacaram os jagunços em Massete, Tucano e Cumbe, onde as expedições foram desbaratadas. Esse primeiro ataque de Massete representa o primeiro erro da tropa militar, que procedeu sem ter o verdadeiro conhecimento do inimigo que foi subestimado. Esses insucessos, infelizmente, não serviram de aprendizado para as autoridades e para os chefes militares. Se estes nada aprenderam, Antônio Conselheiro, pelo contrário, aprendeu a lição e preparou-se para a reação (ARARIPE, 1985, p.8).

Em 29 de outubro de 1896, o juiz de direito de Juazeiro, temendo um mal maior, pois foi alarmado pelo boato de que haveria ataque a Juazeiro pelos jagunços de Antônio Conselheiro, pediu força para defender a cidade. Em 4 de novembro, o pedido é reiterado (ARARIPE, 1985, p.9).

Havia fundamento no boato. Era costumeiro Conselheiro adquirir material em Juazeiro ou mesmo em Salvador. Já havia obtido boa parte de madeira e, desta feita, encomendou tabuado para a construção de igrejas e casas. Como demoraram em satisfazer-lhe o pedido, fez ele constar que buscaria a madeira de qualquer jeito. Daí o alarme preocupante. O temor era justificado, uma vez que Conselheiro já havia afrontado o fornecedor da madeira pela horda de desordeiros, em 1894 (ARARIPE, 1985, p.9).

E veio, de fato, a ameaça investida contra tal localidade com o intuito de obterem a madeira à força (MELLO, 1958, p.48).

Esse fato serviu de causa imediata da pequena expedição de Pires Ferreira.

O governador do Estado, Dr. Luiz Viana, não desejando utilizar a força policial, quer para não se indispor com a massa sertaneja, quer por não ter, no momento, efetivo suficiente para combater, conforme, aliás alegou, requisitou 100 praças da tropa de linha ao comando do Distrito Militar (ARARIPE, 1985, p.9).

Em 4 de Novembro de 1987, em obediência à ordem já referida, o general Sólton Ribeiro, prontamente satisfaz à requisição feita pessoalmente pelo Dr. Governador do Estado, de uma

força de 100 praças da guarnição para ir confrontar os fanáticos do Arraial de Canudos, número que era mais que suficiente, segundo o governador (ARARIPE, 1985, p.11).

A expedição do tenente Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, foi a primeira força do Exército que partiu de Salvador com o intuito de combater os fanáticos, os desordeiros e bandidos que ameaçaram agredir importante localidade interior. Era composta de 3 oficiais e 104 praças, afora o comandante. (MELLO, 1958, p.18).

Não ficou registrada a missão que fora dada ao tenente Pires Ferreira. Proceder de acordo com o juiz de direito, constitui uma evasiva perigosa e a transferência da quase toda responsabilidade ao simples tenente, que não dispunha de informes positivos e completos dos rebeldes e das prováveis condições da luta. Também não se ficou sabendo se a força levava todos os meios indispensáveis à luta no sertão: armamento, fardamento, equipamento, munições e transporte. Parece que tudo ficou dependendo do apoio de pessoas influentes da zona (ARARIPE, 1985, p.12).

Em 7 de novembro, a força do tenente Pires Ferreira, viajando pela estrada de ferro, chega a Juazeiro. Coube ao simples tenente a decisão de se limitar a aguardar na cidade ou iniciar a investida contra os cangaceiros, para defender a mesma contra o ataque destes (ARARIPE, 1985, p.12).

Embora pouco soubesse do número dos inimigos e dos percalços que teria que enfrentar ao embrenhar-se por um sertão desconhecido, agressivo e em que estaria completamente isolado, o Tenente Pires Ferreira decide, destemidamente, marchar ao encontro do inimigo. Hoje, sabendo dos fatos, reconhece-se que foi muito imprudente lançar nessa luta do sertão suas tropas que eram pouco aparelhadas e preparadas. Pires foi impelido pela opinião geral dos que queriam ver os jagunços dominados de qualquer jeito, por isso não se pode julgar a decisão do tenente (ARARIPE, 1985, p.13).

Quando chegaram ao arraial, no dia 19 de novembro, Pires mandou estabelecer o serviço de segurança, postando guardas avançadas nas quatro estradas que estavam em distâncias convenientes, com objetivo de guarnecer a posição e não ser surpreendido. Às 5 horas da manhã do dia 21, as tropas foram surpreendidas por um tiroteio partido da guarda avançada, que estava posta na estrada que ia até Canudos. A guarda foi atacada por uma multidão enorme de bandidos fanáticos. Nesse momento, um soldado da 2ª Companhia, que por estar estropiado, não conseguindo acompanhar a guarda, foi degolado por um bandido. Os jagunços avançavam com gritos de ordem de “Viva o nosso Conselheiro! Viva a monarquia!” e trazendo imagens de santos em vultos. Avançavam e brigavam com incrível ferocidade, utilizando apitos para a execução de manobras de ataque. Pretendiam envolver as tropas, porém, não conseguiram devido às providências que Pires tomou. Depois de quatro horas de luta, os jagunços estavam

desmoralizados e tentavam fugir, Pires Ferreira tomou, então, uma ofensiva e perseguiu os jagunços até meia légua de distância, morrendo muito deles na ocasião e ficando o resto completamente desbaratado. A ofensiva não foi a longe e tocou-se a retirada, pois não era válido ir adiante, uma vez que as tropas estavam cansadas e mal alimentadas. Dez vidas das tropas foram ceifadas pelos bandidos, porém, o número das perdas federais foram bem menores em comparação ao número de jagunços mortos (ARARIPE, 1985, p.15-16).

Esse conflito ficou conhecido como o Combate de Uauá, no qual houve essa desproporcionalidade de pessoal, atuando 104 soldados do Exército para muitas centenas de jagunços ( Uns mil envolta da multidão de fanáticos, que algumas testemunhas calcularam em três mil, mas que Euclides da Cunha reduz a um terço disto). (MELLO,1958, p. 52).

O batalhão era dotado do fuzil Mannlicher, que apesar de grandes qualidades, possuía extrema delicadeza de seu mecanismo que estragava com facilidade, ficando o fuzil reduzido a uma simples arma branca. O armamento bastava um pouco de poeira ou um simples grão de areia na câmara para que o ferrolho não funcionasse. Esse armamento não convém ao nosso Exército, não merecia a confiança dos nossos oficiais e praças (ARARIPE, 1985, p.17).

Apesar das condições desfavoráveis da sua força, esta causou grandes danos ao grupo de jagunços, que a atacou, não se deixou tomar de pânico; enterrou seus mortos; retrocedeu em ordem, principalmente por se terem esgotado a munição e os víveres. Contudo, é de notar-se a desproporção entre as perdas legais e as dos jagunços. Daí a convicção de Pires Ferreira de ter obtido uma vitória (ARARIPE, 1985, p.19).

Temendo um novo ataque dos seguidores de Antônio Maciel, que seria muito perigoso, uma vez que a tropa estava com falta de munições, pois havia se esgotado durante o embate, o Tenente Pires Ferreira resolveu regressar o mais depressa possível para Juazeiro (COIN, 1994, p.35).

Qualquer julgamento feito à valorosa tropa do tenente Pires Ferreira tem a sua defesa no parecer do então comandante do Distrito Militar, o general Sólon Ribeiro, que louvou os bravos que tão dignamente souberam cumprir os seus deveres, mantendo a integridade do Exército. Essa força se deteve em Queimadas, estação de estrada de ferro que ficava perto do foco dos fanáticos, local que iria reunir-se a segunda expedição da tropa de linha contra Canudos (ARARIPE, 1985, p.19-21).

### 2.5.2 A 2ª Expedição, do Major Febrônio de Brito

O relativo insucesso da 1ª expedição agravou ainda mais a situação política na Bahia. As fraquezas que o Exército demonstrou durante o combate de Uauá repercutiu por todo o país. Viu-se que era questão de honra para os militares revidar a altura (COIN,1994, p.37).

O comandante do Distrito Militar, Sólton Ribeiro, que havia enviado seus soldados a Juazeiro, atribuiu o insucesso da 1ª expedição ao Governador Luís Viana, pois omitiu informações indispensáveis acerca da quantidade de combatentes do Conselheiro (COIN,1994, p.37).

O general Sólton, comandante do Distrito, reuniu uma força que não pôde exceder de 100 praças da guarnição federal, e um canhão Krupp, com a respectiva guarnição. A esse pequeno efetivo se reuniram 100 praças da polícia estadual, com alguns oficiais, ao todo pouco mais de 200 homens (ARARIPE, 1985, p.29).

Sólton exigia que a segunda investida fosse decisiva, independente se fosse implicar em muitas mortes ou não. Já para o governador Luís Viana, não era necessário que houvesse uma 2ª expedição. Viana não se agradou da atuação em Uauá, uma vez que trouxe danos à população. Entretanto, Viana não queria se indispor com os militares, pois sabia que o Exército tinha bastante influência na política nacional e não queria colocar em risco a sua vida pública, portanto, aceitou a nova expedição (COIN,1994, p.37-38).

As lideranças federais e estaduais se uniram. Dessa forma, o major Febrônio, chefe da 2ª expedição, recebia ordens do general Sólton, comandante das forças federais, e também, do governador Luís Viana, responsável pelas forças policiais da Bahia. Dessa forma, gerou um duplo comando, fator que prejudicaria o futuro da expedição (COIN,1994, p.38)

Essa tropa juntou-se a tropa do tenente Pires Ferreira, em retirada, em Queimadas, a 26 de novembro. Logo que chegou, o major Febrônio de Brito, comandante da segunda expedição, fez reclamações em face das dificuldades já referidas ao comandante do Distrito, que respondeu que apenas seriam satisfeitas que eram possíveis. O comandante do Distrito disse que enviaria reforço de tropas que vinham de Sergipe e Alagoas, respondeu também que o reforço iria oportunamente e que, não obstante, Febrônio deveria iniciar o quanto antes as operações, pois a demora poderia trazer prejuízos, uma vez que os jagunços estavam abalados pelo conflito contra as tropas de Pires Ferreira (ARARIPE,1985, p.29-30).

Dessa forma, Febrônio deslocou a sua pequena tropa rumo a Monte Santo e alcançou Cansansão, lugarejo que ficava a 3 léguas daquela vila (ARARIPE, 1985, p.31).

Estrategicamente, utilizou o Monte Santo como base de operações e ponto de partida da ofensiva militar. Após alguns boatos não seguros sobre os jagunços, Febrônio, com certa dose de otimismo, acredita poder atacar Canudos com vantagem, comunicando a Sólon que irá avançar (ARARIPE, 1985, p.31).

Nesse meio tempo, Sólon mudou de ideia, ordenando a Febrônio que regressasse a Queimadas para se abastecer melhor, pois, recebeu notícias de que havia problemas logísticos quanto ao transporte de mantimentos, então, não queria correr riscos, uma vez que era o maior responsável pela expedição (COIN, 1998, p.39).

Febrônio considerou que seria uma imprudência regressar, porém, declarou obedecer resignado (ARARIPE, 1985, p.32).

A essa altura é plausível que o general Sólon, já conhecedor do incisivo relatório do tenente Pires Ferreira, tenha bem pesado as consequências desastrosas de nova investida sobre Canudos, contra adversário que não se tinham informações precisas, sem garantir as necessárias precauções e sem os recursos indispensáveis, de maior efetivo, munição, armamento, víveres e meios de transporte. Procura pôr freio aos ímpetus ofensivos das autoridades civis e do próprio comandante da expedição, o qual, inexplicavelmente, diz nada lhe faltar. O general Sólon aguarda a chegada dos recursos solicitados do governo federal. Propõe mesmo que se organizasse uma segunda coluna sob o comando de um coronel e investisse em Canudos, convergindo com a anterior, por outra direção (ARARIPE, 1985, p.32).

O governador Luiz Viana, discordando de Sólon, ordena que as suas tropas avancem de imediato, porém, o general não atendeu ao Governador, alegando a falta de víveres e o perigo de expor a sua pequena força em Monte Santo. Dessa forma, o governador retira as tropas policiais de lá e fá-la marchar sozinha para Monte Santo sob o comando de um capitão. Momento em que Monte Santo e os lugarejos próximos se diziam ameaçados pelos jagunços, clamando por proteção. A crise agravou-se pelo fato de Febrônio ter afirmado possuir condições de avançar, o que ratificava a opinião do governador Luiz Viana, fato que implicou numa situação delicada para o prudente general Sólon (ARARIPE, 1985, p.32).

Os diversos interesses do governador Dr. Luiz Viana que, interferindo na decisão do general, e nas ações das expedições, tornou-se um dos principais fatores para que houvesse fracasso nessa missão, culminando em um conflito de ideias que afastou Sólon por certo tempo, precipitando as decisões acerca da incursão.

A política interveio então. O vice-presidente em exercício, Manoel Vitorino Pereira, e o ministro da Guerra interino, general Dionísio Cerqueira, ambos políticos baianos, acharam mais cômodo, afastar o velho general para outra comissão. Acusaram-no de

ter intervindo nos negócios do Estado, ter excedido as ordens recebidas e feito publicar planos de ataque contra Canudos (ARARIPE, 1985, p.32).

O general Sólton foi substituído interinamente pelo coronel Saturnino Ribeiro da Costa Júnior, que alinhou suas ideias de acordo com o governador do Estado e com o major Febrônio, concordando com que este prosseguisse o avanço sobre Canudos (ARARIPE, 1985, p.36).

Enquanto a política fervilhava em Salvador, a fim de atrasar as prováveis ações da expedição, os seguidores ferrenhos de Conselheiro destruíram os lugares, ao redor de Canudos, que poderiam servir de abrigo aos expedicionários, aumentando o espaço deserto que havia ali no arraial (COIN, 1998, p.39).

A segunda expedição finalmente partiu para Monte Santo, local onde permaneceram por cerca de quinze dias. As autoridades da pequena cidade já comemoravam a vitória dos expedicionários, promovendo festas em homenagem ao Exército, uma vez que, tamanha euforia fez com que não se notasse que haviam emissários de Conselheiro entre a população, colhendo informações e observando tudo. Febrônio, com seus quase 600 homens permaneciam em Monte Santo aguardando um terço da munição que, por falta de transporte, tinha sido deixada em Queimadas. (COIN, 1998, p.39).

Acreditavam numa vitória cerca e rápida, sem maiores preocupações. Dessa forma, partiram em 12 de janeiro de 1987 pela estrada do Cambaio, mais curta, porém, bastante acidentada. Após dois dias de viagem, esgotou-se a alimentação. Já perto de Canudos com falta de viveres e com dificuldades de transporte, a marcha tornou-se árdua e a certeza da vitória menos concreta. (COIN, 1998, p. 40).

A estrada do Cambaio também não facilitou o movimento das tropas, um terreno que culminava em um desfiladeiro. Quando os expedicionários iniciaram a travessia desta estreita passagem, foram emboscados pelos sertanejos que estavam entrincheirados nas montanhas de pedra. A ordem era acertar os oficiais de preferência, de forma que, os soldados ficassem sem liderança e desorientados (COIN, 1998, p.40).

Após o ataque dos jagunços, os soldados entraram em alvoroço, não sabendo o que fazer e não conseguindo amenizar o ataque que recebiam, até que, com muito esforço, acionaram os canhões, que assustaram os jagunços por conta da explosão, uma vez que os jagunços nunca tinham visto armas tão poderosas como aquela, passaram a chamar os canhões de “armas do demônio”. Apesar do susto, os conselheiros não desistiram, o combate se estendeu das 10h às 15h, quando a expedição se julgou vencedora em face da quantidade de baixas dos sertanejos. Entretanto, a tropa estava muito preocupada em virtude da ferocidade dos jagunços. Mesmo



assim, continuaram a marcha na esperança de achar água. Ao cair do sol, encontraram uma lagoa, em Tabuleirinhos, que os saciou, apesar de a água estar suja. Descansaram naquela região, porém, não tranquilos, pois os jagunços estavam por perto, vigiando (COIN, 1998, p.41).

Na manhã seguinte, deu-se a segunda batalha, dessa vez, os jagunços estavam ainda mais audaciosos, sem medo da morte. No fim do combate, o triste cenário: inúmeros corpos espalhados pelo chão e dezenas de feridos. Sem alimentos, água e munição seria impossível atacar Canudos. (COIN,1998, p.41).

No terreno da luta, jaziam quatro pelas mortas e mais de 20 feridos, além de dois oficiais do Exército e um da polícia baiana, também feridos. Não foi possível saber o número exato de perdas dos jagunços, mas os participantes referem terem sido elas em número considerável (ARARIPE,1985, p.39).

Apesar de um aparente êxito, o major Febrônio reconheceu que não poderia sustentar a luta. Consultou os seus oficiais e deu ordem para que a tropa se retirasse de volta para Monte Santo, deixando Canudos, aguardaria, então, ordens e pediria conselho de guerra e substituto no comando da expedição (ARARIPE,1985, p.40).

Ao chegar em Monte Santo, Febrônio informa que sua tropa estava morta, extenuada, maltrapilha, quase nua e que seria impossível refazer-se em Monte Santo. Ele calcula que o efetivo de jagunços seria mais de 4.000 homens, extravasando a desilusão das resoluções incompetentes do governador, que telegrafou que o Conselheiro tinha quando muito, cerca de 500 homens, mal armados (ARARIPE, 1985, p.43).

Esta ata, como a parte do Tenente Pires Ferreira, vale pelos ensinamentos que deveriam ser aproveitados pelas outras expedições, principalmente quanto:

- ao efetivo e valor combativo do adversário;
  - à necessidade de processo de combate adequado;
  - aos cuidados especiais com abastecimento de víveres, água e munições e com os transportes;
  - ao reconhecimento do terreno e das estradas;
  - a medidas de seguranças especiais.
- Mas, entre nós, é hábito enraizado não se ler e não se aproveitar os relatórios dos executantes... (ARARIPE, 1984, p.45).

### 2.5.3 A 3ª expedição, do Coronel Moreira Cesar

Os êxitos consecutivos dos jagunços fizeram com que eles adquirissem confiança, aumentando seu treinamento e obtendo armamentos conforme venciam as forças legais.

O insucesso necessitava de um responsável, o governo estadual acusou o Major Febrônio de ter sido imprudente e ocasionado a derrota, enquanto o major, ao lado da oposição estadual, culpou Luís Viana pela insuficiência de recursos e pela falta de informações acerca da real situação do adversário (COIN, 1998, p.43)

O fracasso da segunda expedição produziu profunda impressão na opinião pública do país e especialmente do Estado da Bahia. Era incompreensível acreditar que um grupo de jagunços incultos e rústicos, mal armados, rechaçasse a tropa bem aparelhada e que partira ao encontro de Canudos, confiante na vitória (ARARIPE, 1985, p.51).

Como resíduo da luta revolucionária de 1891-94, o exército florianista via no fenômeno de Canudos uma reação sebastianista, pela restauração da monarquia. Em vez de encarar o movimento apenas contra a ordem e as autoridades legais, fruto do atraso cultural, o exército, principalmente, as guarnições do Rio Grande do Sul, o encarava como ofensa às instituições militares. Essa distorção na interpretação do fenômeno vai ter influência desastrosa sobre as decisões militares e o procedimento das operações (ARARIPE, 1985, p.51).

Conforme os fracassos das forças legais, a fama de Conselheiro se fortalecia cada vez mais no meio sertanejo. Não se tem informações seguras de como reforçavam a população de Canudos e como cresceram o armamento e a munição. Além disso, sua figura messiânica despertou forte corrente de simpatia até nas sociedades ocultas existentes nos Estados nordestinos. Dessa forma, explica-se a campanha contra Antônio Conselheiro ser encarada com má vontade e antipatia na grande maioria do povo nordestino (ARARIPE, 1985, p.52).

O ministro da Guerra, em portaria de 2 de fevereiro de 1897, determinou que fosse constituída uma brigada sob o comando do coronel Antônio Moreira Cesar, composta dos 7º, 9º e 16º Batalhões de Infantaria, de um esquadrão do 9º Regimento de Cavalaria, comandado pelo capitão Álvaro Pedreira Franco, de quatro bocas de fogo, que juntaram-se às duas que já seguiram para o Estado da Bahia, completando uma bateria do 2º Regimento de Artilharia, e outras forças que o governo agregar, com o objetivo de operar em Canudos (ARARIPE, 1985, p.54).

O coronel Moreira Cesar era um nome destacado no Exército. Bom oficial de infantaria, de temperamento violento, dotado de força física e rara agilidade. Seu caráter e temperamento

impulsivo fazia com que não vacilasse ante o maior perigo, ou que cedesse, a quem quer que fosse (ARARIPE, 1985, p.56).

Luís Viana, inicialmente, havia sido contra a escolha de Moreira César para o comando, pois o achava demasiadamente violento (COIN, 1998, p.44).

Os preparativos para a 3ª expedição estavam apressados de tal forma que Moreira César não achou necessário receber os informes de Febrônio de Brito acerca da 2ª expedição (COIN, 1998, p.44).

Em comunicados, Moreira Cesar insiste na ideia de que os fanáticos iriam desistir da luta antes de enfrentá-lo, por temor, força e prestígio por conta de seu nome. Veiculou a notícia de fuga do Conselheiro e para apressar sua operação, desiste da vinda do 16º Batalhão de Infantaria inteiro e se contenta com 100 homens para guarnecer a base de Monte Santo, com o coronel Souza Menezes como comandante dessa base (ARARIPE, 1985, p. 57).

Mesmo não tendo confirmado a fuga de Conselheiro, Moreira Partia de Queimadas a 17 de fevereiro, a 18 chegava a Monte Santo e a 23 partia em demanda a Cumbe. Seu efetivo era de cerca de 1.200 homens. Moreira Cesar não meditou sobre um adversário importante, o terreno. Não soubera ou não quis absorver a advertência de Febrônio de Brito a esse respeito. Também não considerou a impropriedade dos meios, pois sua tropa estava mal fardada, mal equipada e mal treinada para tal esforço, mal instruída para aquela operação e não tendo meios de transporte de abastecimento para tantos dias durante longa luta. Houve falha no planejamento da operação militar no que tange aos fatores da missão, a missão, o inimigo, os meios e o terreno (ARARIPE, 1985, p.57-58).

Na manhã de 3 de março, Moreira Cesar decidiu investir em Canudos, iniciando uma marcha de vinte quilômetros naquela manhã. Com objetivo de apavorar os jagunços, Moreira empregou a artilharia; sua bateria protegida pelos batalhões de infantaria, entrou em posição numa colina, distante de Canudos cerca de 800 metros e atacou sem tardar (ARARIPE, 1985, p.61).

Eram 11 horas do dia. Depois de rápidos reconhecimentos e observação, Moreira Cesar ordenou:

- ao 7º batalhão de infantaria, seguido pelo 16º batalhão de infantaria e pela polícia baiana, que atacasse pelo flanco esquerdo do povoado;
- ao 9º batalhão de infantaria, que atacasse pela direita;
- ao esquadrão de cavalaria, que se movimentasse pela esquerda, para tomar a estrada de Jeremoabo (ARARIPE, 1985, p.61).

Dentro do arraial, os soldados acabaram ficando dispersos de seus pelotões, perdidos no labirinto de becos e ruelas que eram comuns ao terreno. A cavalaria em ação resultou em

completo fracasso, uma vez que, os cavalos, assustados, derrubavam os cavaleiros, transformando-os em alvos fáceis (COIN,1998, p.47).

O ataque teve inicialmente algum sucesso, porém, o efetivo não era suficiente, então apesar de avanços significativos o 7º e o 9º batalhão de infantaria encontraram-se em posições muito desvantajosas, combinando-se com as munições que haviam se esgotado, foram obrigados a recuar (ARARIPE, 1985, p. 62).

Diante tamanha confusão, Moreira César decidiu ir pessoalmente tentar resolver a luta, pois até então encontrava-se no Alto da Favela, isolado da batalha, comandando as operações. Pouco após iniciar a sua descida, não conseguiu prosseguir, pois foi alvejado (COIN, 1998, p.47).

Em meios às três horas da tarde, o coronel Moreira Cesar foi gravemente ferido no ventre, sendo recolhido à sua barraca, tendo que ser evacuado, posteriormente, ao hospital de sangue. Por conta dessa emergência, o coronel Tamarindo assume o comando-geral da expedição, que na confusão que reinava, não conseguiu ter ação sobre o conjunto da situação (ARARIPE, 1985, p. 62).

Às sete horas da noite, as cornetas e clarins transmitiram ordem para que fosse feita a retirada das forças que estavam empenhadas nas primeiras linhas. Abandonava, dessa forma, as posições que haviam conquistados e foram bivacar em torno da Fazenda Velha, onde se amontoaram em desordem, sem sequer tomar qualquer medida de segurança (ARARIPE, 1985, p.62).

Durante a noite, o coronel Tamarindo decidiu por retirar as tropas, no dia seguinte, para Rosário, a fim de recompor a força e tentar nova investida. Porém, entre 4 e 5 horas da manhã do dia 4, faleceu o coronel Moreira Cesar, tal notícia produziu grande desânimo e pânico. Cerca de 8 horas da manhã, um grande grupo de jagunços atacou furiosamente as tropas em retirada, atacando principalmente a artilharia. Morreu a guarnição desta, inclusive o seu bravo comandante, o capitão Salomão da Rocha (ARARIPE, 1985, p.63).

Em meio a confusão de retirada, enquanto os jagunços atacavam, somente a artilharia se manteve unida, até ser totalmente dizimada. Na confusão, morreu também o Coronel Tamarindo, ficando os sobreviventes totalmente sem qualquer líder (COIN, 1998, p.48).

As forças colocaram-se em retirada até chegar em Queimadas, onde encontraram Alimentos e água para matar fome e sede, que há muito tempo estavam sofrendo (ARARIPE, 1985, p.73).

O pânico foi a principal causa desta. Tem-se a impressão de que a superioridade numérica dos jagunços não contribuiu para a debandada. O tenente Pradel deixa claro que cerca de duzentos jagunços apenas, puseram em fuga mais de mil homens válidos e que ainda dispunham de abundante munição e armamento e que por fim só cerca de quinze homens se mantiveram na perseguição (ARARIPE, 1985, p.73).

O desastre da Terceira Expedição constituiu para toda a Nação grande catástrofe. Parecia estarem em sério perigo as instituições republicanas. O País inteiro vibrava de indignação e de pasmo. O Exército, por todas as suas guarnições considerou essa derrota como grave afronta à sua honra e ao seu pundonor. De todas elas, e principalmente das do Rio Grande do Sul, partiram proclamações de protesto e de solidariedade à causa pública (ARARIPE, 1985, p. 75).

Repetindo-se em providências similares às anteriores, constituiu-se a Quarta Expedição (ARARIPE, 1985, p.75).

#### **2.5.4 A 4ªexpedição, do General Artur Oscar**

A impressão que pairava era de que as instituições, a sociedade, a República e até o Exército estavam em perigo. Consolida-se a opinião de que boa parte da população, principalmente a nordestina, não via com bons olhos a forma como o Exército tentou restabelecer a ordem (ARARIPE, 1985, p.81).

Os republicanos explicavam que, a causa do insucesso, segundo eles, seria os monarquistas que estavam por trás de Antônio Conselheiro, fornecendo armas, mantimentos e toda a logística capaz de provê-los, a fim de promover a derrubada da república. Embora nem todos acreditassem nessa versão, ela foi rapidamente difundida e aceita pela opinião pública, atizando a população que começou a promover manifestações populares, a palavra de ordem era “Vamos salvar a República” (COIN,1998, p.50).

O Governo decidiu constituir novo grupamento de forças e utilizaria processos semelhantes aos que foram seguidos nas Expedições Anteriores (ARARIPE, 1985, p.83).

O General-de-brigada Artur Oscar de Andrade Guimarães, então comandante do 2º Distrito Militar, que tinha sua sede em Recife, foi nomeado como comandante-geral da quarta expedição. Não foi escolhido por acaso, gozava de diversas qualidades, chefe de bom conceito, consolidado como comandante da divisão na Revolução federalista, diligente, não lhe faltava iniciativa (ARARIPE, 1985, p.83).

Figura 3 - Imagem do General Artur Oscar



Fonte : Oliveira (2013)

Não se sabia se Artur Oscar havia recebido instruções do Ministro da Guerra, orientando-o sobre o cumprimento da missão. Entretanto, faz crer que tenha recebido carta branca para atuar da forma que achasse melhor, sendo-lhe prometidos todos os recursos necessários (ARARIPE, 1985, p.84).

A expedição compunha-se, inicialmente, de mais de 5000 homens, reunidos de batalhões desde o Rio Grande do Sul, até o Amazonas. As forças foram divididas em duas colunas: a primeira, como nas expedições anteriores se concentraria em Monte Santo, comandada pelo General Silva Barbosa; enquanto a segunda, comandada pelo general Cláudio Savaget, partiria de Aracajú, atravessando o interior de Sergipe até alcançar a cidade de Jeremoabo, sertão leste da Bahia. A ideia de atacar Canudos por duas frentes era para justamente dividir as forças de Conselheiro. (COIN, 1998, p.51).

Já em agosto, o governo da União sentiu que era tempo de chegar a resultado decisivo. O ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt, além de encaminhar para o teatro da luta numerosas outras unidades, resolveu deslocar-se sem se fazer anunciar, para o Estado da Bahia: Assim, em 6 de agosto desembarcou ele em Salvador (ARARIPE, 1985, p.179).

Foi necessária a presença do próprio ministro da guerra na época, o marechal Carlos Machado Bittencourt, para levantar o moral das tropas, pois, em certo momento, a grande força reunida para esmagar o arraial de Canudos, com mais de 5000 homens, se viu atrapalhada e incapaz como as expedições anteriores. A primeira coluna foi surpreendida numa emboscada articulada no Morro da Favela, tendo sido salva por muito pouco, ao conseguir um reforço

urgente da segunda coluna. Segundo Euclides da Cunha, dos 5000 soldados, 900 estavam mortos ou feridos, ou seja, sem condições de combater. A fome começava a imperar, então por conta própria, os soldados organizavam grupos para caçar alimentos, mesmo correndo o risco de cair nas numerosas armadilhas dos sertanejos, como, de fato, foi o que aconteceu com muitos (A GUERRA... 2019).

A guerra começou a tomar novo rumo a favor do Exército quando o Marechal Bittencourt iniciou sua atuação no sertão baiano, pois foi ele quem se preocupou em resolver um dos maiores problemas da tropa: o abastecimento. O ministro da Guerra organizou com eficiência um serviço de assistência médica e um sistema de transporte e armazenamento de víveres. Conforme seu planejamento, começaram a seguir comboios de mantimentos, munições e remédios para Canudos. Era a primeira vez que isso acontecera desde o início da campanha (COIN, 1998, p.60).

Apesar de todas as circunstâncias, o general Artur Oscar manteve sua ideia de completar o cerco contra os jagunços, interceptando as estradas que se dirigiam de Canudos para qualquer outro lugarejo (ARARIPE, 1985, p. 183).

E o final da guerra estava bem próximo: veio o cerco à Canudos, juntamente com um impiedoso bombardeio, seguido pelo inevitável massacre e incêndio do arraial. As degolas praticadas - as conhecidas "gravatas vermelhadas" tornaram-se uma prática célebre, aplicadas no pescoço dos conselheiristas (A GUERRA... 2019).

As condições da tropa estavam melhorando a cada dia, ao contrário dos sertanejos que estavam evidenciando seus sinais de esgotamento. Alguns dos líderes sertanejos já haviam morrido como Pajeú e João Abade. O restante já se encontrava extremamente desgastado, as mulheres, crianças e idosos se sacrificavam, jejuando, para deixar os mantimentos e águas que restavam aos combatentes. Mesmo com a fome e a sede, a defesa do arraial continuava embrutecida (COIN, 1998, p.62).

No final de setembro de 1897, corriam diversos boatos sobre a morte de Antônio Conselheiro. Nunca foram descobertas as verdadeiras causas de sua morte. As suposições mais citadas são: ferimentos causados por estilhaços de uma granada e problemas gastrointestinais. Ao que indica, nem os fiéis sabiam ao certo o motivo de sua morte. O fato de sua morte não foi o suficiente para esmorecer as ações dos fiéis na defesa do arraial (COIN, 1998, p. 62).

No dia primeiro de outubro, iniciou-se a ofensiva final, com cerca de 6 mil combatentes e 18 canhões postos em movimento a fim de iniciar o derradeiro ataque. A investida partiu de três pontos diferentes, convergindo para a praça das igrejas. Ocorreu um bombardeio de 30 minutos, despedaçando violentamente os rebeldes. O combate durou horas, levando inúmeras vidas. O arraial ficou quase todo destruído (COIN, 1998, p.63).

Na manhã do dia 2 de outubro, soube-se do efeito de tal investida. Os expedicionários, espantados, viram surgir no acampamento, um homem com uma bandeira branca, sinalizando a rendição dos sertanejos. Esse homem foi levado ao comandante, negociando a rendição dos combatentes que eram nada mais que cerca de 300 pessoas, entre mulheres e crianças. Os homens restantes permaneciam no arraial, inflexíveis (COIN, 1998, p.64).

A rendição foi vista por alguns como um último ardil sertanejo. A ausência daquela multidão de andrajosos e famintos facilitaria a ação dos que insistiam em defender a cidade. Por isso, a luta se estendeu por mais três dias, só terminando no dia 5 de outubro com a morte dos últimos defensores. Nos dias subsequentes, as forças vitoriosas concluíram o extermínio. Uma a uma foram derrubadas as 5200 casas restantes. A ordem era “não ficar pedra sobre pedra”; nada que pudesse lembrar a existência de um reduto tão subversivo (COIN, 1998, p.64).

Foi encontrada a sepultura de Antônio Conselheiro, posteriormente, com auxílio de um prisioneiro. Separaram sua cabeça para levar a Salvador com o propósito de ser estudada. O intuito era provar cientificamente a insanidade do sertanejo, que reforçaria a justificativa da Guerra de Canudos (COIN, 1998, p.65).

Após onze meses de investidas em Canudos, finalmente terminava a campanha, com um saldo de quase 30 mil mortos, marcando a vitória dos militares sobre os jagunços revolucionários (COIN, 1998, p.66)



Figura 4 - Sertanejos de Canudos rendidos pela cavalaria do Exército durante a última expedição ao arraial, em outubro de 1897.



Fonte: Barros (1897)

### **3 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Será realizada uma pesquisa documental, com o objetivo de buscar fontes diversas advindas de livros e artigos, visando comprovar a verdadeira história sobre a Guerra. Há uma vasta gama de documentos que retratam a Guerra de forma deturpada, levando a história a direções contrárias. A finalidade, então, é explorar os documentos que tecem comentários e fatos sobre a grande atuação do Exército – que apesar dos erros constantes e dos vexames passados nas expedições em Canudos por conta de falta de planejamento, que ocasionou em incursões mal articuladas e preparadas – não diminuem todo o grande feito pelas tropas federais.

#### **3.2 MÉTODOS**

O método utilizado será a Revisão Bibliográfica. Serão utilizados autores, livros e artigos que servirão de base para o desenvolvimento da tese, a fim de que se estabeleça uma mesma trama no que se refere à linha de pensamento sobre o conflito. Sendo de responsabilidade do estudo comprovar certos dados e detalhar a doutrina utilizada no conflito de Canudos, evidenciando os pontos chaves para os acontecimentos mais destacados da Guerra.

#### 4 CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

No início da fama de Conselheiro, o aglomerado de fieis que foi se criando pouco a pouco ao seu redor possuía as mais nobres causas, suas reivindicações eram em grande parte plenas, pois o povo marginalizado estava em condições abaixo do ideal, por conta da situação que se passava no sertão baiano.

Os jagunços encontravam-se em situações desprezíveis, pois aquela região estava assolada pela seca há meses, inviabilizando a agricultura e a pecuária. O número de desempregados crescia, muitas famílias não tinham renda para abastecer suas casas. Esses e outros fatores aliados, foram suficientes para que vissem no beato a esperança de dias melhores, uma vez que entre suas ideias, ele defendia que a população de Canudos não pagasse impostos e não seguisse as leis estabelecidas pelo governo.

Era compreensível que realmente houvesse uma intenção de reparação de injustiça social por todo aquele movimento messiânico. Conselheiro afirmava veementemente que havia sido enviado por Deus e, tal fato, fazia com que seus fieis acreditassem cegamente nele. Dessa forma, Antônio, disseminou entre seus seguidores a vontade de que se voltasse a monarquia. Fato este que desagradou o Estado que, com o apoio dos latifundiários, não aceitava que Canudos não fosse pagar impostos e seguir regras. Aquela multidão de jagunços desordeiros que crescia mais e mais a cada dia foi se tornando uma ameaça ao governo e clamando com mais força pela volta da monarquia.

Muito se questiona se havia, realmente, a necessidade da campanha de Canudos. É possível afirmar que, diante de tal inimigo que ameaçava a república e diante do momento em que se vivia, era necessário que fosse desmantelada aquela desordem que tomou proporções gigantescas na qual havia muito receio, por parte do governo e da população, sobre o futuro do país em virtude da ameaça dos jagunços.

Antônio Conselheiro foi endeusado pelo seu povo que cresceu exponencialmente. Independente do que ele falasse, ou ordenasse, seus fieis cumpriam e seguiam-no cegamente. Este fato é entendido como extremamente perigoso, pois ele possuía uma massa de pessoas alienadas que agiam de acordo com seus interesses. O fato de ser antirrepublicano fazia com que houvesse uma verdadeira ameaça contra o governo. Uma multidão de gente que crescia cada vez mais estava se contrapondo ao governo devido às ações de Conselheiro, portanto é evidente que o Estado teria que tomar alguma medida para cessar essa intimidação.

O governo necessitava agir para confrontar a revolução dos sertanejos, pois o futuro da nação estava em jogo. O movimento, que iniciou-se com cunho messiânico e social, começou

a se rebelar, queimando documentos emitidos pelo governo e atuando contra as medidas instauradas com a vinda da República, sendo contrários, inclusive, ao casamento civil. Canudos passou a ser visto não mais como um movimento messiânico, mas sim como um ninho de monarquistas desordeiros que emanavam perigo. Não cabia a opção de ceder espaço a eles, senão, certamente, devido ao grande vulto da revolução, o Estado teria grandes problemas em manter a república recém instaurada.

É importante ressaltar que, antes das quatro famosas expedições militares enviadas a Canudos, em 1892, foram enviadas três expedições policiais que sucumbiram diante dos sertanejos. E o grande fator que causou a derrota foi justamente o desconhecimento quanto ao quantitativo da tropa inimiga, não tendo, os policiais, pessoal suficiente para enfrentar de igual para igual a tropa de Conselheiro. Antônio, muito esperto, sabia que uma reação poderia vir a qualquer momento, logo, se preparou para ela. Em contrapartida, as tropas militares futuras não aprenderam com o erro ocorrido nessas expedições policiais.

O estopim para a organização da primeira expedição contra Canudos foi o boato de que Conselheiro e seus seguidores planejavam um ataque a fim de obter, por meio da força, um carregamento de madeira cuja entrega estava atrasada, e que se destinaria à construção de uma nova igreja no arraial. A população, amedrontada com essa ameaça, pressionou o governo para que houvesse uma reação. Diante desses fatos, organizou-se a expedição que buscava acabar com aquele movimento que amedrontava a população e atormentava o governo.

No que tange às expedições e aos seus consequentes insucessos, alguns fatores foram preponderantes para os resultados. O primeiro erro da campanha de Canudos foi justamente quando o inimigo foi menosprezado, sem que houvesse um planejamento efetivo e um estudo de situação adequado para as missões. Foi pensado que seria fácil e rápido. Talvez por excesso de confiança das tropas ou realmente não foi avaliado o inimigo corretamente, não foi procurado saber sobre seu efetivo, sobre seus armamentos, sobre suas condições de batalha e, dessa forma, ocorreram diversos imprevistos e insucessos por parte das tropas federalistas, reveses que poderiam ser facilmente evitados se fossem tomadas pequenas medidas sobre o inimigo, acerca de qual linha de ação mais adequada, efetivo, estratégia de combate entre outros.

Após o episódio do carregamento de madeira, que foi determinante como o estopim para as investidas do governo, foi organizada a 1ª expedição contra Canudos. Um fator negativo dessa expedição é sobre a quase total responsabilidade que foi atribuída ao jovem tenente, que, sem dispor de informes sobre seu inimigo ou qualquer informação sobre as condições de luta, teve que tomar certas decisões sem o embasamento correto dos dados. Além disso, houve uma

desproporcionalidade muito grande entre o efetivo das tropas federais e dos jagunços, que ocasionou certa dificuldade para a expedição devido a tamanha disparidade. O fuzil utilizado também foi fator determinante para o relativo insucesso, o armamento era bastante delicado e dava incidente com extrema facilidade, não sendo interessante o uso dele para o Exército.

Em virtude do insucesso da primeira expedição, houve grande repercussão da derrota do Exército para Antônio Maciel e seus seguidores, agravando a situação política e aumentando a pressão por resultados. Era questão de honra para os militares dar uma resposta a altura. Havia a cobrança por uma investida decisiva, independente de qualquer aspecto que pudesse vir como consequência.

Na segunda expedição, um fator que prejudicou o andamento da missão foi a união de tropas federais com tropas estaduais, de formas que cada tropa obedecesse seu comandante, ocorrendo um comando duplo. Para piorar, os comandantes não concordavam em suas ideias, ou seja, o comandante das tropas federais tinha um pensamento e o comandante das tropas estaduais tinha outro, dificultando qualquer linha de ação que pudesse ser tomada em proveito da tropa. Esse fato foi extremamente negativo para a missão, gerando impasse no comando da expedição, de formas que dificultasse o seu andamento. A substituição interina do general Sólton pelo coronel Saturnino Ribeiro foi satisfatória para o prosseguimento da missão, pois o coronel alinhou suas ideias com o governador do Estado, de formas que não houvesse mais a dicotomia entre as decisões.

Era inaceitável e incompreensível que um grupo de jagunços ignorantes estivesse conseguindo repelir toda e qualquer investida das tropas. Conforme os insucessos anteriores do Exército, Antônio Maciel e seus seguidores se fortaleciam cada vez mais, adquirindo armamento daqueles militares que eram derrotados. Houve também o fator psicológico, envolvidos por vitórias consecutivas, os sertanejos estavam com seus egos inflados e altamente confiantes.

Na 3ª expedição, havia grande esperança numa vitória, uma vez que a força constituída tinha o renomado coronel Moreira César como comandante, militar destacado dentro do Exército. Um dos grandes erros dessa expedição foi a pressa. Nos preparativos da expedição, Moreira César não achou necessário receber os informes de Febrônio de Brito acerca da 2ª expedição, ou seja, não tomou ciência dos erros e oportunidades de melhoria que poderia haver sobre a expedição anterior. O excesso de confiança de Moreira César também era algo a se temer. Ele insistia em afirmar que os jagunços iriam desistir da luta só pelo temor e pelo prestígio que seu nome carregava. O coronel também não se atentou a alguns fatores importantes como o terreno, o fardamento, equipamento e as instruções para sua tropa. Além

da logística deficiente quanto aos meios de transportes de abastecimento, a tropa não estava bem instruída para a investida, envolvida numa pressa demasiada que fez com que coisas simples fossem deixadas de lado. Houve, mais uma vez, falha no planejamento quanto a missão, o inimigo, o terreno e a coordenação da missão. Estes fatos, com certeza, influenciaram no resultado daquela campanha, que não foi o suficiente, mais uma vez, para dismantlar Canudos.

A população estava com medo do perigo que cercava toda a situação. O Exército não estava conseguindo parar aquela massa de jagunços seguidores de Antônio Conselheiro. Um informe que ganhou força foi o que dizia que os monarquistas estariam fornecendo armamento, equipamento e mantimentos para os sertanejos, a fim de combater a República. Não se sabe se essas informações eram verídicas, porém, tal fato provocou comoção na população, que passou a incitar protestos e manifestações em prol da República.

A logística foi um fator determinante para o desfecho da guerra. A ausência de planejamento logístico nas expedições anteriores precipitou o seu fracasso e o não cumprimento da missão por seus comandantes. A falta de víveres, de munições, armamento adequado, fardamento foram questões muito complicadas e mal organizadas pelos comandos das expedições. De formas que a tropa sempre sofria com essa desorganização, com seus combatentes mal armados e equipados, exaustos pela falta de água e de alimentos fazia com que não houvesse condições, por diversas vezes, em combater da melhor forma possível. Um exemplo disso foi que, quando foi acertada a organização da logística pelo Marechal Bittencourt na 4ª expedição, a guerra foi vencida. Ele acertou na gestão de meios e materiais da tropa, suprindo as necessidades logística dos expedicionários, fazendo com que fosse possível a permanência no combate a contento. Foi extremamente benéfico para a tropa expedicionária a presença e a destacada atuação de Bittencourt.

O planejamento do efetivo que foi empregado na 4ª expedição, aliado à logística correta executada por Bittencourt e ao desgaste do inimigo, culminou na vitória das forças federais. Após sucessivas falhas e insucessos, com expedições malogradas, conseguiu-se, por fim, destruir o arraial que foi organizado por Antônio Conselheiro e que tanto vinha amedrontando a população e inquietando o governo, colocando em risco a República e se tornando uma ameaça real ao futuro do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação política no Brasil no contexto da Guerra de Canudos era um tanto quanto conturbada. A Guerra do Paraguai, ocorrida em 1864-1870, trouxe consigo ideias de pôr fim à monarquia vigente no Brasil. A ideia de transformar o Brasil numa república era apoiada por diversos setores da sociedade, tanto pelas elites quanto pela população de modo geral.

Alguns aspectos da situação do país naquele momento, tais como a crise econômica e as questões abolicionista e religiosa, induziam a mudanças no sistema político vigente. No dia 15 de novembro de 1889, Deodoro da Fonseca liderou o movimento revolucionário que substituiu a monarquia pela república no Brasil, atendendo aos anseios da sociedade.

Poucos anos depois, com a República ainda em fase de consolidação, acontece o movimento liderado por Antônio Conselheiro, que vem contestar o sistema legitimamente implantado no Brasil. O movimento rebelde tornou-se violento e truculento, trazendo insegurança e medo à população da região e obrigando o governo a reagir.

A campanha de Canudos é um assunto um tanto quanto polêmico. Existem versões deturpadas do fato histórico, que denigrem a imagem do Exército e diminuem a importância de sua atuação naquele conflito. Euclides da Cunha, por exemplo, trata os jagunços de Conselheiro como vítimas indefesas diante do massacre das forças legais, quando, na verdade, eles estavam armados, treinados e fizeram frente às tropas federais, que necessitaram de diversas tentativas para vencer a resistência estabelecida em Canudos.

Basta raciocinar e ser lógico para ter uma noção de que os jagunços incultos não eram tão inocentes quanto alguns historiadores pregam. O que acontece é que a história difundida por Euclides da Cunha foi aceita de maneira passiva por uma parcela tendenciosa da sociedade. O papel do Exército foi fundamental e imprescindível para a manutenção da república e para a manutenção da ordem naquela região atormentada pelos rebeldes.

A doutrina militar é baseada em tudo aquilo que não deu certo com o intuito de não repetir os erros cometidos, otimizando os seus acertos em função de um melhor desempenho em toda e qualquer missão, seja ela mais simples ou mais elaborada. Nesse intuito, é claro que isso não ocorreu durante a campanha de Canudos. Da 1ª a 4ª expedição, faltou uma conexão, uma comunicação entre elas, de formas que não fossem repetidos constantemente os mesmos erros. Na 3ª expedição se repetiram erros ocorridos ainda na 1ª, e que, em ambas expedições, levaram ao fracasso da missão. É fundamental que ensinamentos colhidos em quaisquer operações sejam aplicados em outras missões, para que seja evitada a repetição dos erros e otimizados os acertos. O planejamento preliminar e detalhado é importante e necessário para

qualquer missão que tenha que ser cumprida. Os fatores da missão devem ser analisados, o efetivo inimigo tem que ser conhecido por nossas tropas sempre que possível, temos de ter o armamento e o equipamento adequado para diferentes objetivos. É necessário tomar medidas de prevenção a favor da sua tropa, adotar a estratégia e a melhor forma de conduzir a missão, uma vez que envolve e coloca em risco a vida de uma gama de pessoas que estão trabalhando em prol de um objetivo em comum.

Assim como os erros, é válido que se enalteça os grandes feitos e acertos a fim de que eles sejam lembrados e repetidos. O grande ponto de inflexão da guerra de Canudos foi a atuação do Marechal Bittencourt. A organização e gestão de pessoal e material, bem como a coordenação dos meios, foi um aspecto negativo das expedições, o que só foi solucionado com a atuação pessoal do Mar Bittencourt. As tropas sofriam constantemente com a falta de água, de alimentos, de munição e de armamento e fardamento adequados àquela operação. A logística se tornou um problema a ser solucionado. Durante as três primeiras expedições, ninguém conseguiu sanar essa necessidade que tanto abalava a tropa. Apenas na 4ª expedição foi que a logística conseguiu ser desempenhada com maestria. Bittencourt, de forma brilhante, conseguiu alinhar os anseios e as necessidades da tropa, dando todos os subsídios para que os homens que estavam na ponta da lança conseguissem desempenhar suas atividades da melhor forma possível, levando a um bom desempenho na 4ª expedição, atingindo os objetivos que há muito tempo se esperava da nossa força terrestre.

O Exército Brasileiro lutou, se sacrificou, errou e acertou em Canudos. Infelizmente perdeu-se desnecessariamente vidas preciosas, o que poderia ter sido evitado com um planejamento mais cuidadoso.

Independente dos erros cometidos, é louvável todo o esforço e o dever de cumprimento de missão que pairou naquela campanha. Vindo de diversos reveses e derrotas sequenciais, era de se esperar que a tropa tivesse o seu moral abaixado. Porém, não foi o que aconteceu, as expedições se mantiveram verdadeiramente imbuídas em atingir o objetivo final de finalizar a ameaça sertaneja.

Este trabalho apresentou observações que buscam deixar claro que houve erros e acertos nas expedições que culminaram por destruir o arraial de Canudos, destacando a importância do apoio logístico em qualquer operação. Espera-se, com isso, não só aproveitar os ensinamentos daquele evento de nossa história para a doutrina militar, mas também chamar a atenção para a injustiça que se pode cometer não valorizando ou distorcendo a verdadeira participação das forças legais na eliminação de uma ameaça real ao sistema vigente, pois o Exército não



enfrentou sertanejos despreparados, mas sim jagunços armados, treinados e liderados por alguém que se dizia “enviado de Deus”.

## REFERÊNCIAS

ARARIPE, Tristão de Alencar. **Expedições Militares contra Canudos: Seu Aspecto Marcial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **A Guerra de Canudos – resumo**: Contexto histórico resumido. 2005. Disponível em: <[https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/canudos\\_resumo.htm](https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/canudos_resumo.htm)>. Acesso em: 02 out. 2019.

A GUERRA de Canudos: A Guerra de Canudos e as Quatro expedições. A Guerra de Canudos e as Quatro expedições. Disponível em: <[https://www.passeiweb.com/estudos/sala\\_de\\_aula/historia/a\\_guerra\\_de\\_canudos/](https://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/historia/a_guerra_de_canudos/)>. Acesso em: 03 out. 2019

MELLO, Dante de. **A verdade sôbre "Os Sertões"**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

ANTONIO Conselheiro [Foto neste texto]. Disponível em: <<https://www.grupoescolar.com/a/b/31B23.jpg>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

Virtuous Tecnologia da Informação, 2009-2020. Consultado em 24/03/2020 às 13:42. Disponível na Internet em <http://www.sohistoria.com.br/ef2/canudos/>

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de canudos. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Paulo de Azevedo & C, 1933

COIN, Cristina. **A Guerra de Canudos**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994. 72 p.

MIRANDA, Juliana. **Guerra de Canudos**. 2018. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/antonio-conselheiro.html>. Acesso em: 23 mar. 2020.

OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. **Guerra de Canudos**. 2013. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arthur\\_Oscar.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arthur_Oscar.jpg). Acesso em: 25 mar. 2020.

BARROS, Flávio de. **Guerra de Canudos**. 1897. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pris%C3%A3o\\_de\\_jagun%C3%A7os\\_pela\\_cavalaria.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pris%C3%A3o_de_jagun%C3%A7os_pela_cavalaria.jpg). Acesso em: 27 mar. 2020.